

LEANDRO GOMES DE BARROS

AS PROEZAS DE UM NAMORADO MOFINO



Xilo: João Pedro Ncto

LITERATURA DE CORDEL

Edição especial: Tupynanquim Editora/ABC - Academia Brasileira de Cordel - Novembro de 2000 - Fortaleza - Ceará - Brasil



LITERATURA DE CORDEL
LEANDRO GOMES DE BARROS



AS PROEZAS DE UM NAMORADO MOFINO

Sempre adotei a doutrina
Ditada pelo rifão,
De ver-se a cara do homem
Mas não ver-se o coração,
Entre a palavra e a obra
Há enorme distinção.

Zé Pitada era um rapaz
Que em tempos idos havia
Amava muito uma moça
O pai dela não queria...
O desastre é um diabo
Que persegue a simpatia.

Vivia o rapaz sofrendo
Grande contrariedade
Chorava ao romper da aurora
Gemia ao virar da tarde
A moça era como um pássaro
Privado da liberdade.

Porque João Mole, o pai dela
Era um velho perigoso,
Embora que Zé Pitada
Dizia ser revoltoso,
Adiante o leitor verá
Qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste
Pitada vivia em ânsia,
(Ele como rapaz moço
No vigor de sua infância),
Falar depende de fôlego
Porém obrar é sustância.

Disse Pitada a Marocas,
Eu preciso lhe falar
Já tenho toda certeza,
Que é preciso a raptar,
À noite espere por mim
Que havemos de contratar.

Disse Marocas a Zezinho:
Papai não é brincadeira,
Diz Zé Pitada, ora esta!
Medo pra mim é besteira
Você pode ver-me as tripas,
Porém não verá carreira.

Diga a que hora hei de ir,
Eu dou conta do recado
Inda seu pai sendo fogo,
Por mim será apagado,
Eu juro contra minh'alma
Que seu pai corre assombrado.

Disse Marocas, meu pai
Tem tanta disposição
Que uma vez tomou um preso
Do poder de um batalhão,
Balas choviam nos ares,
O sangue ensopava o chão.

Disse ele, eu uma vez
Fui de encontro a mil guerreiros,
Entrei pela retaguarda,
Matei logo os artilheiros,
Em menos de dez minutos
O sangue encheu os barreiros.

Disse Marocas, pois bem
Eu espero e pode ir,
Porém encare a desgraça,
Se acaso meu pai nos vir,
Meu pai é de ferro e fogo,
É duro de resistir.

Marocas não confiando
Querendo experimentar,
Olhou para Zé Pitada
Fingindo querer chorar,
Disse meu pai acordou,
E nos ouviu conversar.

Valha-me Nossa Senhora!
Respondeu ele gemendo,
Que diabo eu faço agora?!...
E caiu no chão tremendo,
Oh! Minha Nossa Senhora!
A vós eu me recomendo

Nisso um gato derrubou
Uma lata na despensa,
Ele pensou que era o velho,
Gritou, oh!, que dor imensa!.
Parece que estou ouvindo
Jesus lavrar-me a sentença.

A febre já me atacou,
Sinto frio horrivelmente.
Com muita dor de cabeça,
Uma enorme dor de dente,
Esta me dando a erisipela,
Já sinto o corpo dormente.

Disse a moça: quer um beijo?
Para ver se tem melhora?
Ele com cara de choro,
Respondeu-lhe, não, senhora,
Beijo não me salva a vida,
Eu só desejo ir-me embora.

Antes eu hoje estivesse
Encerrado na cadeia,
De que morrer na desgraça,
E d'uma morte tão feia,
Veja se pode arrastar-me,
Que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe,
E pela sagrada paixão,
Me arraste por uma perna
E me bote no portão,
A moça quis arrastá-lo,
Não teve onde pôr a mão.

Ela tirou-lhe a botina,
Para ver se o arrastava,
Mas era uma fedentina,
Que a moça não suportava,
Aquela matéria fina
Já todo o chão alagava.

Então lhe disse Marocas,
Desgraçado!... eu bem sabia,
Que um ente de teu calibre,
Não pode ter serventia.
Creio que fostes nascido
Em fundo de padaria.

Meu pai ainda não veio
Eu hoje estou sozinha,
Zé-pitada aí se ergueu,
E disse, oh minha santinha!
A moça meteu-lhe o pé,
Dizendo: vai-te murrinha!

E deu-lhe ali uma lata,
Dizendo: está aí o poço,
Você ou lava o quintal
Ou come um cachorro ensosso,
Se não eu meto-lhe os pés
Não lhe deixo inteiro um osso.

Disse ele, oh! meu amor!
O corpo todo me treme,
Minha cabecinha está,
Que só um barco sem leme,
Parece-me faltar o pulso,
O Anjo da Guarda geme.

Então a moça lhe disse:
O senhor lava o quintal
Olhe uma tabica aqui!...
Lava por bem ou por mal,
Covardia para mim,
É crime descomunal.

E lá foi nosso rapaz
Se arrastando com a lata,
A moça ali ao pé dele,
Lhe ameaçando a chibata,
Ele exclama chorando:
Pelo amor de Deus não bata!

Vai miserável de porta
Quero já limpo isso tudo,
Um homem de sua marca
Pequeno, feio e pançudo,
Só tendo sido criado
Onde se vende miúdo.

Disse o Zé quando saiu:
Eu juro por Deus agora,
Ainda uma moça sendo
Filha de Nossa Senhora,
Se olhar para mim, eu digo:
Desgraçada, vá embora.

FIM

OBRAS VALIOSAS

Nossas obras de Cordel
São-nos lucrativo jogo
Sua popular mensagem
São lições de pedagogo.
Ser poeta cordelista
Eu reconheço ser fogo.

O mundo de Cordelismo
Tem livros de alta valia:
A Donzela Teodora,
Coco-Verde e Melancia,
O Pavão Misterioso,
E Juvenal e Lilia...

O Cavaleiro das Flores,
Os Cabras de Lampião,
O Nero do Amazonas,
Juvenal e o Dragão,
A Escrava do Destino,
João de Calais, Boi Leitão...

Rufino, O Rei do Barulho
Vicente, O Rei dos Ladrões,
O Valente Zé Garcia,
As Astúcias de Camões,
João da Cruz, Pedro Cem,
Excelentes diversões.

O Cangaceiro Isaías,
O Capitão do Navio,
O Gigante Quebra-Osso
Que imensamente aprecio.
Lendo obras de Cordel
Bastante meu estro amplo.

Procuro me aprimorar
A cada verso que faço.
Que as obras do Corelismo
Superam qualquer fracasso.
E na vendagem livreira
Tenha sempre o seu espaço.

Cícero Pedro de Assis



O poeta paraibano **Leandro Gomes de Barros**, além de ser considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel.

Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, no dia 04 de março de 1918, deixando um legado cerca de mil folhetos escritos.

Depois de sua morte, a viúva do poeta, D. Venustiniana Aleixo de Barros vendeu os direitos autorais de suas obras a João Martins de Athayde, que passou a publicá-la negando-lhe a autoria, fato que foi em parte reparado nas antologias de Literatura de Cordel publicadas nos últimos 30 anos.



TUPYNANQUIM
EDITORA

Rua Silva Jatahy, Nº15 - Sala 304 - Fortaleza - Ceará - Brasil CEP: 60165 070

Fone/fax: (85) 248-4675

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).